

## O CETICISMO PIRRÔNICO E A CLASSIFICAÇÃO DAS FILOSOFIAS POSSÍVEIS

*Edgard Vinícius Cacho Zanette<sup>1</sup>*

### **RESUMO:**

O presente trabalho procura mostrar como o ceticismo pirrônico reduz todas as possibilidades de filosofar a três modos que são contraditórios entre si. Cada modo de filosofar considerado por Sexto Empírico organizaria sua própria investigação procurando alcançar, com a descoberta de alguma verdade, a vida feliz e a tranquilidade do espírito. A filosofia, neste sentido proposto pelos céticos, é a busca pela verdade em proveito da felicidade humana e não o seu contrário. Mas se o objetivo da investigação filosófica é a busca pela verdade como exercício do conforto e da felicidade do espírito, os céticos seguidores de Pirro denunciam que as demais formas de filosofar não alcançam nem a verdade e muito menos a felicidade. Por não conseguirem defender as suas pretensas verdades dos argumentos céticos, os dogmáticos e os acadêmicos terminam por trazer desconforto e infelicidade aos seus seguidores, o que contraria o próprio sentido da busca pela verdade. Desse modo, defenderemos que ao contrário do que muitas vezes erroneamente se pensa da perspectiva pirrônica, ela não é fechada ou intransigente, mas ao contrário, é um modo de filosofar coerente segundo suas próprias razões, e que procura, sobretudo, alcançar pela filosofia a tranquilidade do espírito e a vida feliz.

**Palavras-chave:** Ceticismo. Pirro. Ataraxia.

### **ABSTRACT:**

This paper attempts to show how the skepticism Pyrrhonian reduces any possibility of tinkering with three modes that are mutually contradictory. Each mode of philosophizing considered by Sextus organize your own research trying to achieve, with the discovery of some truth, happy life and peace of mind. The philosophy in this sense proposed by skeptics, is the search for truth in favor of human happiness and not its opposite. But if the goal of philosophical inquiry is the search for truth as an exercise in comfort and happiness of the spirit, the skeptics Pirro complained that followers of other forms of philosophy or do not reach the truth, much less happiness. For failing to defend their alleged truth of skeptical arguments, the dogmatic and academics end up bring discomfort and misery to their followers, which contradicts the very meaning of the search for truth. Thus, we will hold that contrary to what is often mistakenly think Pyrrhonic's perspective, it is not closed or intransigent, but rather is a way of philosophizing consistently follow its own reasons, and seeks above all to achieve the philosophy peace of mind and happy life.

**Key words:** Skepticism. Pirro. Ataraxia.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Unioeste-Campus de Toledo. Bolsista da CAPES.

## Considerações iniciais

No presente artigo iremos apresentar um incursão sobre o livro I das *Hipotiposis Pirronianas*<sup>2</sup> discutindo a compreensão dos céticos pirrônicos sobre o sentido do filosofar. Para os seguidores da *Sképsis*, a pergunta originária sobre a verdade absoluta remonta a uma outra questão que a justifica, que é a satisfação decorrente desta busca pela verdade. Se a busca pela verdade é o grande sentido filosófico da filosofia, os céticos pirrônicos constataram que a grande maioria daqueles que se lançam sobre essa busca sofrem por constante insatisfação pelos resultados alcançados. Sobre esta controversa questão que atravessa a história da filosofia, iremos apresentar alguns elementos essenciais à postura pirrônica sobre dois pontos de vista: 1) Em sua face negativa, dialética e antidogmática; 2) Em sua face positiva, enquanto filosofia da vida prática cotidiana, lidando com o mundo das aparências e da vida comum.

### 1. Busca pela verdade e ceticismo na Filosofia Grega

Desde Parmênides e Heráclito podemos considerar que o problema fundamental da filosofia é a *busca pela verdade*. Mas essa investigação não se remete a um nada de significado, mas envolve uma pergunta originária sobre *o que é o ser?* Esta pergunta ontológica originária se define mais precisamente nos filósofos gregos Platão e Aristóteles, que ao longo de seus escritos a formularam de vários modos, mas que podemos delimitar da seguinte forma: *Buscar a verdade é a procura filosófica por explicar com precisão como é possível que os entes, ou as coisas, possuam identidade e determinação?*

Explicar como os entes são o que são é a proposta originária da filosofia. Ou seja, tudo o que se manifesta de algum modo, manifesta-se sendo. Por isso o *Ser é tudo aquilo que é*. Nessa proposta, por intermédio do pensamento a filosofia quer descobrir e abarcar o significado de tudo. Podemos perceber que os filósofos clássicos gregos confiam na busca pela verdade tendo certa visão otimista, acreditando que no instante em que se responder

---

<sup>2</sup> Adotamos a tradução espanhola do livro I das *Hipotiposis Pirronianas* para as breves análises e reflexões sobre as teses do ceticismo pirrônico. Para facilitar a citação desta obra, conforme a praxe, usamos a sigla HP, seguida do número romano que corresponde ao livro específico das *Hipotiposis Pirronianas*. Na bibliografia também consideramos a tradução inglesa das obras de Sexto Empírico da coleção *The Classical Library*, que é mais completa que a tradução espanhola. Consultamos a tradução inglesa em algumas dúvidas e investigações que tivemos que realizar acerca das outras obras de Sexto Empírico. Contudo, para o presente trabalho citamos somente a tradução espanhola do livro I das HP.

satisfatoriamente acerca da pergunta originária sobre o Ser, se alcançará, por conseguinte, a resposta sobre o que é a verdade absoluta de todas as coisas. Em certo sentido, Ser e Verdade são um e o mesmo para o pensamento grego clássico.

Sócrates (470-399 ac.) formulou a pergunta clássica: “Só sei que nada sei”. E com ela acreditava que ao admitir a própria ignorância estaria abrindo o caminho para uma adequada busca pela verdade. Após este primeiro passo, apresentou uma outra importante questão, o “conhece-te a ti mesmo”. Com esta máxima o filósofo grego considerava que a filosofia não mais iniciaria suas questões a partir do Ser, mas partindo do próprio humano e de suas aspirações. Sócrates foi o primeiro grande filósofo clássico a propor este privilégio do pensar filosófico para o âmbito do humano. O que Sócrates fez foi mostrar que antes de saber sobre as coisas, sobre o Cosmos, sobre o Ser, é necessária a reflexão: o que é sou eu? Como resposta a esta indagação, Sócrates desenvolveu a *Dialética* como o método, ou seja, como o caminho próprio da filosofia. Já a *Ironia* e a *Maiêutica* seriam os modos próprios de operar a dialética.

O método socrático defendia a busca pela verdade, mas já em sua época Sócrates enfrentou severas críticas de grandes opositores, os *Sofistas*. Os sofistas eram educadores e sábios itinerantes que geralmente cobravam certo valor para ensinar retórica e filosofia, e são considerados os primeiros a questionar radicalmente a validade da busca pela verdade. Por serem mestres no uso da palavra e da persuasão, para os sofistas o melhor discurso é aquele que ganha a adesão da maioria. Todo discurso não busca a verdade, mas o ato de convencer, de persuadir. Afirma o grande sofista Protágoras: “Sábio é aquele capaz de mudar os aspectos das coisas”. Por conseguinte, não há fixidez ontológica e tampouco princípios válidos *por natureza*. Sendo assim, *tudo flui*, levando essa máxima que é de Heráclito às últimas consequências.

Além das críticas dos sofistas temos um outro modo de atacar a tradicional confiança na busca pela verdade, este modo é o dos *céticos*. O ceticismo retoma e inverte o caminho socrático, vejamos:

**Modelo Socrático:**

1º) Só sei que nada sei.

2º) Conhece-te a ti mesmo.

**Conclusão:** Abertura da investigação filosófica.

**Modelo Cético:**

1º) Conhece-te a ti mesmo.

2º) Só sei que nada sei.

**Conclusão:** Ceticismo.

O ceticismo defende a ideia de que mesmo que tenhamos muitas crenças, efetivamente, sabemos muito pouco, ou quem sabe nada, acerca da verdadeira natureza das coisas tal como elas são em si mesmas. E mesmo que saibamos algo, sabemos muito menos do que temos a falsa pretensão de saber. O *ceticismo* é equivalente ao que os gregos chamavam de *Sképsis*, ou o modo de vida daquele que se propõe a investigar, questionar.

## 2. O Ceticismo Pirrônico e sua classificação das posturas filosóficas

O *ceticismo pirrônico* é um modo de filosofar que remonta ao filósofo grego Pirro de Élis (364-275 ac.). Acredita-se que Pirro nada escreveu e é considerado pela tradição como o primeiro a dedicar-se totalmente à postura cética, à *Sképsis*. Por este fato Pirro é comumente considerado o grande impulsionador do ceticismo. Mas como Pirro nada escreveu, o legado cético foi transmitido por seus discípulos e temos como um dos principais Sexto Empírico (séc. II e I ac.), que escreveu nas *Hipotiposes Pirronianas* três livros basilares sobre o modo de argumentar cético. No primeiro livro encontram-se a exposição geral, as características da postura pirrônica. Nos outros dois livros estão os argumentos que são direcionados às filosofias dogmáticas. Existem outros onze livros que são chamados por *Contra os homens de ciência* (*Adversus Mathematicos*- AM). Delimitando a proposta cética grega buscando melhor compreender as bases filosóficas do ceticismo, vejamos rapidamente a partir do que está retratado no livro I das *Hipotiposis Pirronianas* (HP) de Sexto Empírico, como os céuticos gregos seguidores de Pirro acreditavam que existem três questões que organizam toda e qualquer investigação filosófica, que ao serem respondidas proporcionariam a vida feliz, são elas:

- 1) Sobre as coisas, qual a sua verdadeira natureza.
- 2) Em que situação nós estamos a respeito dessas coisas.
- 3) O que podemos esperar que se siga dessa situação.

Na busca por alcançar a vida feliz como todos os outros o cético também investigou muito visando à descoberta de uma verdade absoluta que explicitasse a verdadeira natureza das coisas. Os céticos perceberam que quando tinham um argumento que parecia momentaneamente imbatível, logo em seguida, ao se investigar com seriedade e determinação, aparecia outro argumento de igual força de tal modo que anulava o primeiro. Este é o princípio básico da disposição cética (HP, I, Cap. VI. p. 91). Ou seja, que de cada razão se opõe outra razão equivalente (equipolência), pois daí os céticos acreditavam que se segue o não dogmatizar. O incessante cuidado por não dogmatizar parte da afirmação de Sexto Empírico (HP, I, Cap. I. p. 83) de que ao buscarmos a verdade absoluta de todas as coisas podemos chegar a três conclusões nas quais são expressas três compreensões de filosofia:

- 1) Ou, afirmamos ter encontrado a verdade, havendo neste caso a necessidade de continuamente firmar esta descoberta, defendendo-a de outras filosofias ou questionamentos céticos das mais variadas espécies. Estes são os dogmáticos, tais como: aristotélicos, epicúreos, estóicos, etc.
- 2) Ou, afirmamos que toda investigação que busca *a verdade das coisas tais como elas são em si* é vã e despropositada. Neste caso, concluem na negação do descobrimento ao mesmo tempo em que defendem que o mesmo é incognoscível. Esses são os acadêmicos, tais como: Clitômaco e Carnéades, etc.
- 3) Ou, afirmamos ser possível e justificada a busca pela verdade que se orienta na necessidade de prosseguir na investigação. Sendo assim, o sentido da investigação filosófica é firmar-se nessa busca, prosseguindo a indagação: Esses são os céticos.

O *cético* é assim denominado por dedicar-se à investigação por seu afã de investigar e indagar (HP, I, Cap. I. p. 83). Ao encontrar e se utilizar continuamente de argumentos céticos conclui que há uma equivalência (equipolência) entre coisas e argumentos opostos. É justamente nesta equipolência que eles creem não dogmatizar. Na sequência dessa situação o cético suspende o juízo *Epokhé*, a respeito de qualquer assunto (HP, I, Cap. III. p. 84). A suspensão do juízo é o estado da mente em que nem se rejeita e nem se admite coisa alguma. Assim como os dogmáticos e os acadêmicos, os céticos inicialmente esperavam alcançar a imperturbabilidade descobrindo a verdadeira natureza das coisas. Porém, ao não conseguirem suspenderam o juízo, o que pouco a pouco e fortuitamente, ocasionou a *Ataraxia*, o estado de

tranquilidade ou imperturbabilidade do espírito, tal como “a sombra segue o corpo” (HP, I, Cap. VII. p. 92)<sup>3</sup>.

Para os seguidores de Pirro de Elis, por exemplo, uma vida de felicidade ou tranquilidade devia ser a recompensa da renúncia pessoal às “aparências”, e do abandono de toda crença a respeito de como são as coisas. A suspensão do juízo era uma forma de liberar-se das ansiedades e preocupações que inevitavelmente conduz à busca pela verdade [absoluta]<sup>4</sup> e de não enfrentar, todavia, o conflito entre as coisas que cada um se sente forçado a crer (Barry Stroud, 1991, p. 8).<sup>5</sup>

Sexto Empírico explica que todo discurso cético deve ser narrativo (HP, I, Cap. VII. p. 93). A narração filosófica descreve o que aparece sem qualquer pretensão de enunciar o que as coisas são em si mesmas. Diferente do discurso enunciativo que se caracteriza pela busca da objetividade, acreditando que *as coisas em si* podem ser acessadas, que são cognoscíveis e passíveis de determinação. A estratégia cética é a de alcançar a *Epokhé* e, por conseguinte, a *Ataraxia*, pela seguinte contraposição:

- Aparências<sup>6</sup> X Juízos: Conclui-se pela existência da providência a partir da ordem celeste. Como muitas vezes os bons são desditos e os maus afortunados, concluímos não existir ordem celeste.
- Aparências X Aparências: A mesma torre aparece cilíndrica de longe e quadrangular de perto.
- Juízos X Juízos: Anaxágoras se opunha ao argumento “a neve é branca” dizendo que “a neve é água congelada”.

Nas HP, Sexto empírico explicita muito detalhadamente que o objetivo da filosofia cética se assenta no combate às filosofias teleológicas, no caso, as dogmáticas e as acadêmicas, que se orientam em um fim predisposto na natureza das coisas, fim este que seria cognoscível e passível de ser alcançado pelos homens.

---

<sup>3</sup> Podemos perceber que apesar de haver uma proximidade e até mesmo várias semelhanças entre ambos, o *ceticismo filosófico* difere do *ceticismo pirrônico*. O ceticismo filosófico defende que “aspirar ao conhecimento – seja em toda parte ou com relação a certos aspectos de fato bem amplos – é inerentemente problemático” (Michael Williams, in *Compêndio de Epistemologia*, p. 69). Por sua postura negativa com relação à possibilidade do conhecimento o ceticismo filosófico se aproximaria e até mesmo parece ser uma retomada contemporânea do *ceticismo acadêmico*. Já o ceticismo pirrônico apesar de combater os dogmas e as filosofias dogmáticas, assim como o ceticismo filosófico, sua proposta é voltar-se à vida comum com a aquisição da tranquilidade do espírito e não a afirmação categórica e negativa de que o conhecimento é impossível, tal como fazem os acadêmicos.

<sup>4</sup> Nosso colchete e nossa interpolação.

<sup>5</sup> Essa e as demais traduções do espanhol são nossas.

<sup>6</sup> Aparências: Provém do grego *phaînomai*, que significa mostrar-se, aparecer. É o que aparece, o que se mostra, o ato imediato de perceber, o evidente. Diferente de algumas outras correntes filosóficas o ceticismo considera que as aparências são fundamentais ao processo de conhecimento: “A sensação passiva nos conduz involuntariamente ao assentimento, isso são as aparências”. (HP, I, Cap. VII. p. 93)

Pois quem estima que algo é por natureza bom ou mal se inquieta por tudo: quando não possui aquilo que julga bom, se crê atormentado pelo naturalmente mal e persegue o que supõe naturalmente bom, mas, quando o obtém, se agita ainda em maior medida, por causa de um irracional e imoderado desejo e, em seu temor de mutação da fortuna, se desvia por completo a fim de evitar a perda do que crê bom. Pelo contrário, quem nada estima bom ou mal por natureza nem reúne e nem persegue coisa alguma, com o qual se mantém imperturbável. (HP, I, Cap. VII. p. 92).

A estratégia dos seguidores da *Sképsis* não é afirmar que as teses e os critérios usados pelos dogmáticos ou pelos acadêmicos sejam falsos. Considera o cético que elas são tão plausíveis quanto as suas, que nenhuma delas é ilusória e que na verdade, ambas ao se contraporem, mostram ser *equipolentes*. Justamente por isso que o ceticismo pirrônico é compreendido por esta disposição *antitética*, na busca por mostrar que argumentos que se contrapõem possuem igual força. A recusa do pirronismo em aceitar as outras formas de filosofias como válidas concentra-se na sua acusação dirigida a elas, de que estas se fiam na autoridade de suas pretensas verdades, na arrogância de ter somente o saber para si, no sofrimento que lhes causam o não alcance de suas vãs intenções de verdade.

### **Considerações Finais**

A partir do exposto podemos distinguir duas concepções de *finalidade* vistas sob duas posturas filosóficas distintas, a do cético e a das demais filosofias. Para o cético fim “é aquilo em vista do qual tudo se faz ou se pensa” (HP, I, Cap. VII. p. 91). Neste caso, todo fim parte sempre do humano e suas aspirações e não das coisas em sua objetividade, tal como consideram os dogmáticos e os acadêmicos. Sobre essa orientação metodológica de partir sempre do humano e suas aspirações, Oswaldo Porchat mostra em seu livro *Vida Comum e Ceticismo* que no interior do percurso desenvolvido pelos céuticos pirrônicos existem duas estruturas de investigação que se complementam:

- 1) Em sua face negativa, dialética e antidogmática.
- 2) Em sua face positiva, enquanto filosofia da vida prática cotidiana, lidando com o mundo das aparências e da vida comum.

Estas duas perspectivas estão interligadas, pois a perspectiva prática assume o percurso aporético que a primeira perfaz. A perspectiva cética inicia-se por um problema

teórico (descobrir a natureza das coisas) que visa satisfazer uma necessidade da vida prática (alcançar a vida feliz). Ao se lançar a esta investigação, a face teórica ganha uma dimensão negativa ao continuamente concluir em suas indagações uma *equipolência* entre todo e qualquer aparecimento, o que levou os cétricos a suspender o juízo - *Epokhé*; como a melhor forma para lidar com os problemas teóricos terminando com a inquietação do espírito. Como o cétrico no âmbito teórico utilizou continuamente todos os seus esforços para combater os dogmas ele concluiu pela suspensão do juízo. E a partir deste estado, por uma feliz coincidência, alcançou a *Ataraxia*, a tranquilidade do espírito, que por consequência, leva a uma vida feliz. Os cétricos pirrônicos acreditam ser esta coincidência o coroamento de sua investigação da verdade – *Zetésis*. Mas seu afã de indagar continuará e não se apagará, mas estará sempre tendo a disposição esse porto seguro estabelecido pela *Ataraxia* disponível quando lhes aprouver.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLZANI FILHO, Roberto. Acadêmicos versus Pirronianos: Ceticismo Antigo e Filosofia Moderna. In: *Discurso*. Revista do Departamento de Filosofia da USP. São Paulo: Discurso Editorial, n. 29, 1998. p. 57-111.

\_\_\_\_\_. A Epokhé Cétrica e seus Pressupostos. In: *Discurso*. Revista do Departamento de Filosofia da USP. São Paulo: Discurso Editorial, n. 27, 1996. p. 37-61.

DUTRA, L. H. A.; SMITH, P. J. (Orgs.). *Ceticismo: perspectivas históricas e filosóficas*. Florianópolis: UFSC, 2000.

EVA, Luiz. *A figura do filósofo: Ceticismo e subjetividade em Montaigne*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GRECO, J.; SOSA, E. (Orgs.). *Compêndio de epistemologia*. Tradução: Alessandra Siedschlag Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?*. Tradução: Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

LAËRTIOS, Diogenes. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas: Mário da Gama Kury 2ª. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1977.

LANDESMAN, Charles. *Ceticismo*. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2006. (Coleção Leituras Filosóficas)

*OS PRÉ-SOCRÁTICOS*. Seleção de textos e supervisão: José de Cavalcanti de Souza. São

Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).

PLATÃO. *A República*. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

POPKIN, Richard H. *História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

PORCHAT, Oswaldo. *Rumo ao ceticismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2007. (Artigos publicados entre 1969 e 2005)

\_\_\_\_\_. *Vida Comum e Ceticismo*. São Paulo, Brasiliense, 1993.

PRADO JR., Bento (Org.). *A Filosofia e a visão comum do mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SEXTO EMPÍRICO. *Hipotiposis Pirrônicas*. Tradução e Edição: Rafael Sartorio Maulini. Madrid: Ediciones AKAL, 1996.

\_\_\_\_\_. *Sextus Empiricus*, in four volumes. BURY, R. G. (Ed.) The Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press-London: William Heinemann Ltd., 1976.

SILVA FILHO, Waldomiro (Org.). *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

SMITH. P. J. *Ceticismo Filosófico*. São Paulo/Curitiba: EPU/Editora da UFPR, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ceticismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

STROUD, Barry. *El escepticismo filosófico y su significación*. Tradução: Letícia García Urriza. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.